

**REPRESENTAÇÃO DO ATOR SOCIAL XUXA  
EM UMA REPORTAGEM DA REVISTA *CONTIGO!*  
MARKETING NA LINGUAGEM PUBLICITÁRIA**

Bruno Gomes Pereira (UFT)  
[brunogomespereira\\_30@hotmail.com](mailto:brunogomespereira_30@hotmail.com)

Foi em um trem, a caminho de casa, que Xuxa veria seu destino mudar para sempre. Um rapaz puxou papo. Insistiu para que ela fizesse um teste de modelo e ela fez. Aos 16 anos, era capa de revista, a primeira de muitas. O sucesso como modelo foi meteórico. Sua vida virou do avesso. Revistas, passarelas do mundo todo passaram a disputá-la. Xuxa trabalhava sem parar e acabou se tornando a modelo mais fotografada dos anos 80.

(Regina Duarte, 2013)<sup>14</sup>

**RESUMO**

Esse trabalho tem como objetivo analisar como é representada a imagem midiática do ator social Xuxa Meneghel em uma reportagem de capa da *Revista Contigo*, em uma edição veiculada no final de junho de 2016. A edição comenta o retorno da apresentadora às passarelas no evento Rio Moda Rio após um afastamento de mais de uma década desta atividade. A principal teoria que mobilizo é a linguística sistêmico-funcional, mais precisamente a metafunção ideacional, pois tomo a oração como elemento léxico-gramatical que analisa a oração como representação do mundo. A abordagem de pesquisa é qualitativa e o seu tipo é de natureza documental. Os dados apontam para a representação de Xuxa como fenômeno de massa que retoma ao estrelato de maneira triunfal. Para isso, considero a linguagem publicitária como motivadora para a materialização das orações que representam a apresentadora desta maneira.

**Palavras-chave:** Metafunção ideacional. Xuxa. Representação.

**1. Introdução**

Textos jornalísticos, mais precisamente os veiculados em revistas semanais de entretenimento, são responsáveis por ajudar na construção de imagens de celebridades, das quais muitas podem ser consideradas fenômenos de massa. Nesse sentido, tomo esse tipo de publicação como materialização linguística de ideologias que se manifestam pela mídia a

---

<sup>14</sup> Fala da atriz Regina Duarte durante o programa que comemorava os 50 anos de idade de Xuxa, quando comentavam a apoteose da apresentadora como modelo e símbolo sexual nos anos 1980.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

ajudam na representação de personagens midiáticos, aproximando-os ou afastando-os da grande massa.

Diante disso, tomo como principal objetivo deste trabalho analisar como se dá a construção da imagem da apresentadora Xuxa Meneghel em uma reportagem de capa da revista semanal *Contigo!* É pertinente esclarecer que analiso as representações da imagem de Xuxa não como pessoa física, mas como personagem midiático de forte apelo popular, sendo responsável por mobilizar multidões por onde passa, desde os anos 1980.

A revista *Contigo!* é um dos mais populares periódicos sobre celebridades do país. Com décadas de publicação, esta revista é lida e colecionada por grande parte do público brasileiro, a saber aquelas pessoas que se interessam mais de perto por notícias sobre famosos de todos os segmentos. Mesmo tendo um público feminino cativo, a revista ora referida também consegue agradar uma boa parte do público infantil e masculino, uma vez que busca um contraponto entre a popularidade e o requinte de sofisticação que mantém. Isso é um recurso utilizado pela revista justamente para poder cativar um público maior e, com isso, conseguir acompanhar as mais novas demandas do mercado consumidor.

O sentido que atribuo ao termo *representação* é condizente com o significado que este termo ganha nos estudos funcionalistas da linguagem. Por isso, a principal teoria que mobilizo neste artigo é a linguística sistêmico-funcional, vertente australiana dos estudos funcionalistas. A ideia de representação, na linguística sistêmico-funcional, foca a oração como elemento capaz de representar pessoas, bem como a maneira destas pessoas ver o mundo e os demais elementos que o compõem. Logo, na seção de análise, tomo as escolhas léxico-gramaticais que constituem o complexo oracional como pistas linguísticas capazes de semiotizar situações interdiscursivas na medida em que constrói a imagem de Xuxa.

Para justificar a ideia de Meneghel como ator social, mobilizo alguns pressupostos da sociologia das relações, quando problematizam a ideia entre sociedade e atores sociais humanos e não humanos. Logo, tomo a apresentadora em questão como ator social, tendo em vista que se relaciona com outros seres de diferentes modalidades, atuando na construção de uma espécie de rede. (LATOURET, 2012)

Essa pesquisa é de abordagem qualitativa, uma vez que o interpretativismo ajuda na compreensão do *corpus* gerado. Nesse sentido, nas análises, busco considerar não apenas fatores linguísticos, mas também

os saberes empíricos que ajudam na complexificação do ator social ora analisado. Portanto, tomo a abordagem qualitativa como medida pertinente para o tratamento dos dados, uma vez que exige do pesquisador um olhar mais sensível no que se refere à análise do *corpus*. (Cf. BORTONI-RICARDO, 2008; TRIVIÑOS, 1987)

A pesquisa é do tipo documental, pois analiso uma reportagem de capa publicada pela revista *Contigo!* em junho de 2016. Tomo este periódico como objeto de documentação de situações interdiscursivas específicas do contexto em que opera. Logo, a pesquisa documental me parece um campo passível de olhares investigativos distintos, pois, conforme Sá-Silva *et al* (2009), contribui de maneira significativa para investigações no campo das ciências sociais e humanas. Sobre a reportagem a que me refiro, destaco que esta semiotiza ideologias específicas que se formaram a partir das relações discursivas entre atores sociais durante o evento de moda *Rio Moda Rio*, no Rio de Janeiro, onde o tema versava sobre a moda nos anos 1980, período em que Xuxa se consagrou como modelo.

Adianto que os resultados encontrados na análise são fortemente influenciados, também, pela ideia de *marketing* da marca Xuxa junto ao grande público, o que se desdobra na representação da imagem de uma Xuxa que retoma seu auge como modelo, ressurgindo como uma espécie de fênix.

A ideia de ressurreição de Xuxa como modelo é objeto da fala da atriz Regina Duarte, na epígrafe deste trabalho. A fala da eterna *Viúva Porcina*, da novela *Roque Santeiro* (1985), foi transmitida durante o *TV Xuxa* em que comemorava os 50 anos da apresentadora, em 2013, enquanto ainda era funcionária da Rede Globo de Televisão. O discurso de Duarte reforça o poder de fogo da apresentadora em sua época áurea como modelo, sendo uma espécie de símbolo sexual na época. Hoje, já contratada pela Rede Record de Televisão, principal concorrente da *Vênus Platinada*, a revista parece utilizar-se da reportagem de capa para utilizar o apogeu de Xuxa nas passarelas como recurso semântico de ressignificação de sua imagem junto ao grande público.

Além desta *Introdução*, das *Considerações finais* e das *Referências bibliográficas*, este artigo é composto pelas seguintes seções: a) *Linguística sistêmico-funcional: alguns apontamentos*; b) *Xuxa: objeto de análise sob diferentes perspectivas*; c) *Empoderamento a partir da mí-*

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**  
**XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

*dia: da definição de linguagem à esfera publicitária e d) A rainha voltou: representações do ator social Xuxa.*

**2. Linguística sistêmico-funcional: alguns apontamentos**

A linguística sistêmico-funcional é uma teoria de origem australiana, cunhada por Halliday, com o objetivo de otimizar o ensino de língua inglesa. De natureza funcionalista, esta corrente de estudos linguísticos entende a gramática como pista linguística ao semiotizar situações específicas do contexto de cultura e do contexto de situação em que os textos são produzidos e veiculados. Não é minha intenção problematizar a definição de contexto na sistêmico. Para maiores informações, consultar Halliday & Hasan (1989), Eggins (2004), Silva & Espíndola (2013) e Silva (2014).

Nesse sentido, entendo a gramática como elemento movediço e adaptável ao meio em que opera, uma vez que materializa as ideologias que perpassam o contexto social. A ideia de que o princípio gramatical pode servir como norteador para compreensão de práticas interdiscursivas e ideológicas é condizente com os trabalhos de Fuzer & Cabral (2010), Cunha & Souza (2011), Cezário (2012), Tavares (2012), Pereira (2014a; b), só para citar alguns.

Ao compreender a gramática como pista para propor categorias analíticas, os estudos hallidayanos versam sobre a ideologia do contexto e como isso pode ser gramaticalmente mapeado. Nesse sentido, a gramática da linguística sistêmico-funcional é desenvolvida a partir de categorias específicas, que as diferenciam da gramática tradicional e normativa que conhecemos. Ao revolucionar o ensino de línguas, Halliday propõe rótulos diferentes, os quais designam papéis diferentes para os mecanismos léxico-gramaticais. Para tanto, o pesquisador propõe um olhar específico sobre a oração e os demais grupos que a compõem. Assim, a oração é vista, gramaticalmente, sob três perspectivas: i) como elemento de representação; ii) como elemento de troca; e iii) como mensagem. Esta proposta, por sua vez, implica nos estudos léxico-gramaticais ao propor três metafunções da linguagem, respectivamente: ideacional, interpessoal e textual. (cf. HALLIDAY, 1994; HALLIDAY & MATHIESSEN, 2004 e 2014 e THOMPSON, 2014)

Das metafunções da linguagem citadas acima, me interesso mais de perto pela primeira delas, uma vez que se refere à oração como ele-

mento de representação da leitura de mundo do homem. Nesse sentido, a metafunção ideacional é uma maneira de complexificar os aspectos oracionais como uma maneira linguística de representação de discursos que forças maiores, marcados por ideologias. Estas, por sua vez, ocupam um nível mais profundo de análise linguística a partir da linguística sistêmico-funcional. Entretanto, é necessário dizer que a ênfase que dou à metafunção ora mencionada não descarta o papel léxico-gramatical e semântico das demais metafunções.

De acordo com Fuzer & Cabral (2010), a metafunção ora referida mistura-se às manifestações ideológicas do contexto, construindo representações que se organizam por meio do sistema de transitividade no nível oracional. Falo mais detalhadamente sobre isso na próxima subseção.

### **2.1. Metafunção ideacional**

A metafunção ideacional é materializada pelo sistema de transitividade<sup>15</sup>, constituído pelos complexos oracionais processo + participante + circunstância. Em detrimento da visão estruturalista, conforme indico no rodapé, a ideia de transitividade no funcionalismo sistêmico não atribui seu papel a um único elemento linguístico, uma vez que os complexos oracionais ora mencionados se relacionam simultaneamente. Logo, o sentido que confiro ao termo transitividade parte de seu papel funcional, ou seja, não é algo específico de um único complexo oracional, mas sim de toda a oração. (Cf. FUZER & CABRAL, 2010; CUNHA & SOUZA, 2007)

Abaixo, apresento o **Quadro 1**, que é um esquema no qual é possível compreender a noção do sistema de transitividade.

O **Quadro 01** elenca os elementos funcionais que constituem o Sistema de Transitividade, na linguística sistêmico-funcional, e materializam a metafunção ora referida. *A priori*, é importante ressaltar que os grupos acima enumerados exercem, antes de mais nada, função semântico-pragmática nas relações interdiscursivas em que são realizadas. Logo, não me atrelo apenas ao rótulo gramatical, mas sobretudo o que este rótulo indica na esfera ideológico-discursiva das relações enunciativas.

---

<sup>15</sup> Do ponto de vista mais estruturalista, a transitividade é vista como “a propriedade de um verbo transitivo, isto é, de um verbo seguido de um sintagma nominal” (DUBOIS *et al*, 1998, p. 599).

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

<b>COMPONENTES</b>	<b>DEFINIÇÃO</b>	<b>CATEGORIA GRAMATICAL</b>	<b>EXEMPLO</b>
<b>Processo</b>	É o elemento central da configuração, indicando a experiência se desdobrando através do tempo.	Grupos Verbais	A mãe <i>mata</i> o recém-nascido, durante o parto ou logo após, sob a influência do estado puerperal.
<b>Participantes</b>	São as entidades envolvidas – pessoas ou coisas, seres animados ou inanimados –, as quais levam à ocorrência do processo ou são afetadas por ele.	Grupos Nominais	A mãe <i>mata</i> o recém-nascido, durante o parto ou logo após, sob a influência do estado puerperal.
<b>Circunstância</b>	Indica, opcionalmente, o modo, o tempo, o lugar, a causa, o âmbito em que o processo se desdobra.	Grupos Adverbiais	A mãe <i>mata</i> o recém-nascido, <i>durante o parto ou logo após, sob a influência do estado puerperal.</i>

**Quadro 01: Componentes da oração. Fonte: Fuzer & Cabral (2010, p. 27)**

Os processos são, talvez, os principais elementos funcionais dentro da metafunção ideacional, uma vez que é por meio dele que as outras categorias semânticas são mobilizadas. Nesse sentido, os processos exercem função basilar na funcionalidade da língua, centrando-se neles as partidas semânticas para o processo de representação.

Já os participantes exercem função precípua no que se refere aos efeitos de sentidos causados nos enunciados. Nesse sentido, estão relacionadas a essa ideia as pessoas e coisas que praticam refletem a ação indicada pelo processo. A relação entre grupos verbais e nominais geram a construção de complexos oracionais marcados por ocorrências léxico-gramaticais que pontuam o gênero discursivo, caracterizando-o, consequentemente.

As circunstâncias, por fim, indicam os desdobramentos semântico-pragmáticos dos processos. Tratam-se de circunstancializações que alteram o sentido básico do grupo verbal. Em outras palavras, as circunstâncias propõem um olhar peculiar sob as enunciações, tendo em vista que sua ocorrência é opcional.

Não é minha intenção fazer uma revisão teórica exaustiva sobre o sistema de transitividade, bem como dos grupos oracionais que a compõe. Para maiores informações, consultar os trabalhos de Halliday (1994), Halliday & Mathiessen (2004 e 2014), Eggins (2004) e Thompson (2014).

Na próxima seção, apresento algumas pesquisas que versam sobre Xuxa como temática central, analisando sua imagem a partir de diferentes teorias e perspectivas metodológicas.

### **3. Xuxa: objeto de análise sob diferentes perspectivas**

Xuxa Meneghel é a artista mais rica e popular do Brasil desde a década de 1980. Em 2010, publicada a lista dos 10 (dez) CDs mais vendidos da história no país, Xuxa conseguiu quatro colocações, dominando a lista. Mesmo não se considerando cantora, foi a única mulher a entrar na lista das 50 (cinquenta) maiores vendas do mercado fonográfico no planeta. Somado a isso, Meneghel ostenta também a maior bilheteria do cinema brasileiro, mesmo também não se considerando atriz.

A dita *Rainha dos Baixinhos* é conhecida mundialmente pelos recordes que bate, em um país no qual a educação ainda é uma espécie de sonho a ser alcançado por muitas comunidades linguísticas que vivem abaixo da linha de pobreza, mas que, mesmo assim, não se anula face as peculiaridades da mídia nacional.

Dentre os trabalhos e investigações no contexto acadêmico, é muito comum encontrarmos Xuxa como objeto de análise, sob o olhar de diversas áreas do conhecimento. Como exemplificação, cito as pesquisas de Simpson (1994), Fernandes *et al* (2005), Campos (2006), Silva (2007), Alves (2010), Jesus e Zolin-Vesz (2013), Zolin-Vesz (2013), Bessa e Pereira (2015), Pereira (2015a; b) Pereira (2016), só para citar algumas. Entre as referências mencionadas, as quatro últimas foram produzidas por mim, no campo aplicados dos estudos da linguagem, sendo uma delas produzida em coautoria com uma pesquisadora da área da didática.

Entretanto, a investigação mais emblemática sobre Xuxa é a pesquisa desenvolvida por Simpson (1994), sob o viés sociológico. A autora comenta o sucesso de Xuxa e a considera um fenômeno de massa típico de países em desenvolvimento. Em sua obra, Simpson entende que a apresentadora sintetiza com precisão uma parte significativa da massa brasileira que, de alguma maneira, se identificam com os jeitos de Meneghel se expressar em suas músicas, filmes e programas de televisão. Por outro lado, a autora demonstra um conhecimento tanto quanto colonizador sobre o fenômeno Xuxa. Estou me referindo ao discurso americanizado da autora em relação às construções sociais e culturais do Brasil. A

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

partir dessa obra, muitas outras pesquisas sobre Xuxa foram desenvolvidas.

Fernandes *et al.* (2005), por exemplo, problematizam o engajamento pedagógico da imagem de Xuxa em seu extinto programa global *Xuxa no Mundo da Imaginação* (XMI). O programa da apresentadora é analisado em sua multimodalidade, ou seja, foram consideradas as linguagens verbais e não verbais na construção de sentidos da linguagem. Para os autores, o *Xuxa no Mundo da Imaginação* é um exemplo de típico de didatização da linguagem. Logo, o cunho pedagógico do programa semiotiza situações interdiscursivas que se vale dos recursos imagéticos para tentar ensinar as crianças atividades básicas do cotidiano, como lavar as mãos, escovar os dentes e tomar banho. Por fim, o trabalho não identifica no XMI grandes inovações pedagógicas, no que tange ao seu olhar sobre o aspecto de ensino e aprendizagem.

Campos (2006), em sua investigação de mestrado, investiga o fenômeno Xuxa sob uma perspectiva sociológica da formação publicitária. Em sua pesquisa, a autora investiga o poder de mídia da figura de Xuxa, problematizando os efeitos de sentidos causados pela construção midiática da imagem da apresentadora. Dentre os aspectos investigados por Campos, está o poder de consumismo que a apresentadora tem. A pesquisa revela que Xuxa influencia multidões a ampliar uma iniciativa de gastos, muitas vezes desnecessários.

Em Silva (2007), a autora investiga os motivos e razões sociais que levaram os programas infantis de auditório ao desgaste. Em seu trabalho, Silva questiona o desgaste da fórmula de programas que consagraram Xuxa, lhe rendendo o título de *Rainha*. A pesquisa revela que mesmo não estando em seu auge, tal como na década de 1980, Xuxa continua sendo um caso único de sucesso no país, do contrário de outras apresentadoras que tiveram que migrar para outros formatos de programas para se manter na mídia.

Alves (2010) problematiza a imagem midiática de Xuxa ao encontrar no marketing da marca da apresentadora uma espécie de perpetuação de público consumidor. Na investigação, Alves considera a imagem de Xuxa como uma espécie de recurso para ampliar as vendas junto ao público infantil.

Em Jesus e Zolin-Vesz (2013) e Zolin-Vesz (2013), a imagem de Xuxa é investigada pelo viés da linguística aplicada. No primeiro trabalho, os autores investigam a construção de identidade midiática da apre-

sentadora como promotora da inclusão social. A pesquisa revela ainda que esta imagem é expandida em todas as esferas de trabalho de Xuxa, o que resgata a imagem de uma espécie de fada madrinha e/ou irmã de pessoas com algum tipo de limitação física. Já o segundo trabalho versa sobre o discurso norte-americano na construção da imagem de Xuxa. Para isso, o autor utiliza-se do trabalho de Simpson (1994) para problematizar a ideia de colonizador e colonizado, presente na referida obra analisada.

Já as minhas investigações versam sobre a imagem de Xuxa sob diferentes olhares teóricos. Em Bessa & Pereira (2015), por exemplo, tal como em Pereira (2015a), problematizo a estética dos DVDs infantis *Xuxa Só Para Baixinhos* (XSPB) como ferramentas que podem ser utilizadas na educação infantil como suporte para o ensino e aprendizagem. Para isso, analisamos excertos de músicas da apresentadora ao mesmo tempo em que relaciono ao jogo imagético dos audiovisuais que compõem a coletânea do *Xuxa Só Para Baixinhos*. Já em Pereira (2015b) analiso a construção da imagem da apresentadora em sua primeira aparição na Rede Record de Televisão, em março de 2015. Como teoria embasadora, mobilizo conhecimentos da linguística sistêmico-funcional, em especial da metafunção ideacional. Os dados revelam a tentativa de recolocar Xuxa em seu trono de Rainha, na tentativa de agradar fãs mais antigos e, com isso, incentivá-los a continuar consumindo os produtos que levam a marca da apresentadora.

Em Pereira (2016), analiso a representação interdiscursiva da imagem de Xuxa no livro *Fundação Xuxa Meneghel: 25 anos transformando histórias*. Para isso, mobilizo saberes teóricos da análise crítica do discurso, na tentativa de complexificar a construção identitária da apresentadora em uma espécie de autobiografia. Assim como nas pesquisas de Zolin-Vesz (2013) e Zolin-Vesz (2013), a imagem de Xuxa é alicerçada pela ideia de inclusão social, a saber as primeiras histórias narradas no livro analisado.

Em síntese, Xuxa como ator social midiático é fruto de inúmeras discussões. Na próxima seção, falo um pouco sobre o empoderamento a partir da esfera midiática.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

4. *Empoderamento a partir da mídia: da definição de linguagem à esfera publicitária*

Tomou como definição do termo “empoderamento” as práticas sociais que são vistas por determinados aparelhos ideológicos como verossímeis e legitimadas. Logo, compreendo que a mídia impressa, aqui identificada pela revista *Contigo!*, tem a autoridade de conferir poder àquele artista a quem faz um elogio ou uma crítica construtiva. A ideia de poder que proponho se aproxima da já exposta por Gnerre (1991), quando explica que a escrita é uma manifestação ideológica, capaz de empoderar a quem dela faz uso.

Nesse sentido, estou afirmando que a revista em questão, por ser extremamente popular junto a massa, bem como bem quista pelos demais periódicos da mesma natureza, tem o poder que ajudar a construir imagens dos artistas de todos os segmentos. Em outras palavras, por ser uma publicação que atinge o grande público, o poder de persuasão lhe é conferido como capital simbólico, como diz Bourdieu (1989). Nesse sentido, estou me referindo à escrita publicitária que, como materialização linguística, semiotiza questões de disputa de poder por meio de relações sociais tensivas. Portanto, a julgar pelo alcance e pelo público que tem, os textos publicitários, de cunho de entretenimento, são aparelhos ideológicos na medida em que ajuda na construção do social a partir da ideia de disputa e subordinação.

Do campo dos estudos da linguagem, Souza (2007) afirma que os gêneros jornalísticos são carregados de ideologias externadas pelo uso da linguagem em sua dimensão argumentativa e persuasiva. Nesse sentido, compreender a linguagem apenas como elemento de interação não oferece subsídios necessários para a compreensão mais profunda do discurso, em seu nível ideológico. A autora pontua ainda que, na esfera publicitária, o poder de argumentação é regido por um arsenal ideológico, composto pela relação entre verbal e não verbal, o que muito contribui para o desenvolvimento das habilidades de letramento no âmbito escolar. Entretanto, não entrarei por esses meandros nessa abordagem. Deixarei isso para interlocuções vindouras.

Por outro lado, vejo na esfera publicitária uma possibilidade de problematização da linguagem não apenas pelo poder que estabelece, mas sobretudo pela tensão social estabelecida por uma espécie de efeito de causa e consequência. Nesse sentido, concebo a linguagem como instrumento social, uma vez que materializa fenômenos e práticas sociais,

mas também semiótico, pois a construção dos sentidos é fruto da relação entre as concepções semântica, pragmática e gramatical da língua. (Cf. BENVENISTE, 2006)

Em se tratando de celebridades, a linguagem apresenta papel basililar na construção de estereótipos na medida em que tais atores sociais são expostos pela mídia. Nesse sentido, uma matéria de capa em uma das mais populares revistas de entretenimento do país confere à Xuxa uma espécie de megaexposição. A dita *Rainha dos Baixinhos* encontra nesse periódico, considerando o alcance da revista, uma boa oportunidade de apresentar-se ao público de uma maneira inusitada. Isso, por sua vez, mesmo que inconscientemente, ajuda no processamento da memória afetiva dos leitores e, com isso, na construção de uma espécie de nova Xuxa, ou mesmo a ideia de rememorar uma Xuxa há décadas não vista.

Na próxima seção, apresento as microanálises que desenvolvo a partir da matéria de capa da revista *Contigo!*.

##### **5. A rainha voltou: representação do ator social Xuxa**

Passo agora a analisar a representação interdiscursiva da imagem de Xuxa a começar pela capa da revista *Contigo!*. *A priori*, procuro considerar a linguagem em sua multimodalidade, ou seja, todo o conjunto de signos verbais e não verbais que auxiliam na leitura ideológica da matéria. Esta proposta é muito similar a já adotada por Fuzer, Ticks e Cabral (2012), quando analisam, através da linguística sistêmico-funcional, as propagandas da cerveja Devassa. As pesquisadoras consideraram toda a construção imagética das propagandas, ao mesmo tempo em que as relacionava à esfera léxico-gramatical. Tomo essa proposta como algo positivo, visto que pode responder de maneira mais satisfatória as lacunas que podem ser encontradas nas análises caso apenas o gramatical seja levado em questão, a julgar pelas especificidades do gênero jornalístico.

Abaixo, a capa da revista *Contigo!*, publicada em meados do mês de junho do presente ano. Nela, há uma foto de Xuxa fundamental para compreender as representações feitas em torno da imagem da apresentadora. Nela, Meneghel é vista com cabelos longos, encaracolados e esvoaçantes, o que ajuda a resgatar a imagem de mulher fatal que a consolidou como modelo nos anos 1980. Entretanto, a imagem de rainha esfuziante é maior enfatizada pelo uso de uma blusa transparente que deixa os seios da apresentadora à mostra, ao mesmo tempo em que marca uma silhueta

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

invejável, bem delineada e sensual, como há décadas não se via. Também não é menos importante a maquiagem exagerada, típica da sua época áurea como modelo, e os exauros dos acessórios e da calça, que trazia rasgados significativos em suas pernas, o que acentuava a exuberância da imagem.



Fig. 01: Xuxa na Capa da Revista *Contigo!* Fonte: <http://contigo.uol.com.br/noticias>

A Fig. 01, descrita no parágrafo anterior, foi veiculada no mundo inteiro, sendo a principal notícia em revistas e sites de celebridades em países como Espanha, Chile e Argentina. Nesse caso, é necessário relembrar que Xuxa também é vista como grande fenômeno nos países que falam o espanhol, tendo sua fama intensificada por meio de seus programas e de mais de sete discos lançados neste idioma. Em destaque da capa, lê-

se a manchete *O Retorno da Rainha às Passarelas*, a qual passo a analisar do ponto de vista léxico-gramatical.

### **Exemplo 1:**

#### **O Retorno da Rainha às Passarelas**

O grupo nominal “o retorno” materializa o cerne da representação. Nele, está embutida a ideia de ressurreição de uma Xuxa que agradava não apenas as crianças, mas os adultos também. Retoma, conseqüentemente, a ideia de símbolo sexual que Xuxa agregava quando era modelo. Há, nesse momento, uma espécie de referência à ave fênix que, segundo a mitologia grega, ressurgia das cinzas. Além disso, somo à ideia de retorno a tentativa de evidenciar uma Xuxa que já cresceu, algo conivente com o que a apresentadora vem desempenhando em seu programa na Record, às segundas-feiras à noite. Nesse momento, percebo uma tentativa de marketing que leve o leitor a sentir curiosidade em acompanhar na televisão a nova fase da artista.

Já o grupo nominal “da Rainha” reforça uma dupla ideia: i) a soberania da rainha entre as apresentadoras brasileiras; e ii) o reforço no pressuposto de crescimento de Xuxa ao ocultar o termo “dos baixinhos”, sintagma normalmente utilizado quando se fala da artista em questão. A primeira ideia retoma à ideologia popularesca que Xuxa conseguiu construir na televisão brasileira em mais de três décadas de trabalho na televisão. Diferentemente de muitas colegas de trabalho, Xuxa sempre despontou como a apresentadora mais popular da TV, face a sua facilidade em se comunicar com diferentes públicos, de diferentes classes econômicas e faixas etárias. Já o segundo pressuposto tenta remodelar a imagem da apresentadora, indicando, mesmo que implicitamente, o crescimento da estrela, que deixa de ser rainha apenas dos baixinhos e passa a ser “Rainha” da televisão brasileira, grafada com a inicial maiúscula. Neste momento, a revista me parece considerar Xuxa uma versão moderna da apresentadora Hebe Camargo que carregou durante toda a sua trajetória o título de *Rainha da Televisão Brasileira*. Nesse sentido, há uma resignificação da imagem de Xuxa que deixa de ser propriamente infantil e passa a ser uma espécie de mulher exuberante, que cresceu a ampliou seu reinado.

Enquanto isso, o grupo nominal “às passarelas” serve como circunstancializador do ato interdiscursivo. Portanto, ao conferir ideia de

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

lugar, tais escolhas léxico-gramaticais indicam sentidos que retomam a gênese da carreira de Xuxa, porém indicando, por outro lado, o retorno da artista ao trono, já que foi nas passarelas que Xuxa ganhou o público adulto, antes mesmo do público infantil que a consagrou.

Abaixo segue o **Exemplo 02**, extraído da versão online da revista.

### Exemplo 2:

*Xuxa Meneghel*, 53 anos, **voltou às passarelas 12 anos depois**. Ela **participou da abertura do evento Rio Moda Rio**, ontem (14), na zona portuária do Rio de Janeiro, usando um look assinado pelo estilista Thomaz Azulay. *Sem sutiã e usando um corselet transparente e calça clochard*, ela chamou a atenção pela boa forma. **“Na passarela do #RioModaRio, encerrando o desfile da Yes Brazil e relembrando a delícia dos anos 80. Com @gringocardia Equipe X”**, divulgou a equipe no Facebook da Rainha, que, atualmente, mantém programa semanal na TV Record.

No exemplo acima, identifiquei algumas marcas lexicais e gramaticais que, a meu ver, ajudam na representação da artista ora mencionada. O grupo nominal “Xuxa Meneghel”, seguido do processo “voltou” e da circunstância “às passarelas 12 anos depois” indica algo parecido do analisado no exemplo anterior. Há uma espécie de volta ao princípio, porém de forma ressignificada, mais atual, convergindo com o conteúdo que do programa que a apresentadora comanda na Record.

O processo “participou” que, *a priori*, teria uma denotação de inferiorização, tem seu significado renovado ao ser seguido da meta “da abertura do evento Rio Moda Rio”. Este grupo nominal, por sua vez, confere a Xuxa uma postura de destaque que não se encerra em uma simples “participação”, como aponta o primeiro grupo oracional. De maneira mais precisa, estas escolhas léxico-gramaticais constroem uma postura de rainha ostentativa, visto que seu papel foi de grande destaque de um evento de moda voltado para a elite carioca.

A circunstância “Sem sutiã e usando um *corselet* transparente e calça *clochard*” é o ponto alto da construção da imagem de uma Xuxa para adultos, pois seus trajes são reflexos que público que pretende atingir com seu programa homônimo. Neste momento, há um encontro de temporalidades, uma vez que é possível perceber um diálogo entre o passado, pois Xuxa iniciou carreira artística como modelo na década de 1980, e o presente, que é semiotizado por meio de informações extralingüísticas, tais como o atual público que Xuxa busca conquistar na televisão através de seu programa noturno.

A fala divulgada no *facebook* de Xuxa, em negrito no exemplo acima, é um recurso semântico e estilístico que serve como uma espécie de reforço de soberania da apresentadora. Xuxa, como muitos devem saber, é sempre um dos assuntos mais comentados nas redes sociais. Tudo que a apresentadora faz vira memes e viraliza em questão de minutos. Nesta ocasião, por exemplo, seu visual despojado foi responsável por gerar inúmeros memes nas redes sociais, os quais a comparavam com artistas como Olivia Newton-John, Wanderleia e Marilyn Monroe. Em outras palavras, a recorrência às redes sociais ajuda, e muito, na divulgação e na construção de uma nova Xuxa.

Abaixo segue a **Fig. 02**. Trata-se da versão expandida das duas primeiras páginas sobre a manchete de capa, que traz Xuxa no centro discursivo.



**Fig. 02:** Xuxa em destaque em dupla página na revista *Contigo*.

Fonte: <http://contigo.uol.com.br/noticias>

A imagem acima é o grande destaque na matéria sobre Xuxa, na revista *Contigo!*. Com braços apertados e olhar de mulher fatal, a apresentadora é colocada como ponto auto do evento em que desfilou. A maneira como a foto foi editada evidencia a soberania de Xuxa, o que, consequentemente, ajuda na imagem de secundarização das outras pessoas que desfilaram durante aquela noite. O exemplo abaixo é retirado do título da matéria, escrito em letras bem visíveis.

### **Exemplo 3:**

*Luz na Passarela* – Xuxa **relembra** seus tempos áureos de modelo nos anos

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

1980 e arrebatada a plateia em desfile comemorativo no Rio. Apresentadora diz que sua beleza vem da paz de espírito.

O grupo nominal “Luz na Passarela” rende a Xuxa o posto de maior destaque do evento. Trata-se de uma frase de efeito comumente utilizada para se chamar atenção ou revelar uma beleza feminina por vezes linda. A recorrência a uma frase popular retoma ao perfil da própria apresentadora que, como já disse, é a figura mais popular da televisão brasileira há décadas.

O processo “relembra”, seguido do grupo nominal “seus tempos áureos de modelo nos anos 1980” ajuda a contextualizar a matéria. Entretanto, o processo ora referido retoma também ao que a psicanálise chama de memória afetiva. Estou me referindo à uma carreira gloriosa e de sucesso que Xuxa conquistou nos anos 1980, que a projetou para o mundo. A maior parte dos fãs de Xuxa foram conquistados durante esta fase de sua carreira. É para retomá-los que a apresentadora tem sua imagem vinculada ao processo lembrar, pois se torna uma escolha gramatical convidativa para um público que hoje já não é mais criança.

O processo “arrebatada” coroa a ideia de Xuxa como centro das atenções, pois sugere o furor que sua presença costuma provocar. A meta “a plateia” semiotiza interações sociodiscursivas entre as pessoas que estavam no evento durante a exposição da apresentadora. Já a circunstância “em desfile comemorativo no Rio” enfatiza o contexto da aparição da artista.

Na próxima seção, exponho minhas considerações finais.

### **6. Considerações finais**

Como foi possível compreender ao longo deste trabalho, a linguagem jornalística, veiculada pela esfera midiática, ajuda na construção de imagens e representações de pessoas por meio do seu teor persuasivo. Logo, a linguagem é vista como ferramenta de interdiscursiva capaz de estabelecer interação, mas, ao mesmo tempo, semiotiza questões relativas a poder e tensão social.

Nesse sentido, há uma representação de uma nova Xuxa, voltada para um público não mais infantil, acompanhando o desalinhamento e o atual contexto da carreira da artista. Logo, lembrar a época em que Xuxa foi modelo ajuda a rememorar seu auge nas passarelas ao mesmo tem-

po em que promove um diálogo com o presente, ao implicitar a busca pelo público que Xuxa busca atualmente.

De qualquer forma, a imagem de Xuxa é colocada no centro, rendo-lhe o posto de majestade entre as demais celebridades brasileiras. O furor e a mobilização provocada pela aparição de Xuxa vestida dessa forma é exemplo do poder midiático da marca Xuxa e do poder de fogo da apresentadora junto a um público que a segue para onde vai.

Em síntese, espero que este trabalho possa contribuir com demais pesquisas que versam sobre a linguística sistêmico-funcional e demais correntes de estudos que problematizem a linguagem como prática social carregada de ideologias e tentativas persuasivas, responsáveis por gerar uma relação de causa e consequência, típica da realidade social brasileira.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Cláudia Cristina de Souza Pereira. *A utilização da marca Xuxa como ferramenta de comunicação do marketing infantil*. 2010. 33f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Centro Universitário de Brasília, Brasília.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 2006.

BESSA, Shirley Veloso Costa; PEREIRA, Bruno Gomes. A música como ferramenta de ensino na educação infantil: uma análise da linguagem audiovisual da estética *Xuxa Só Para Baixinhos*. In.: PEREIRA, Bruno Gomes; LIMA, B. Q.; FRANCO, I. S. B. (Orgs.). *Língua e literatura: interfaces com o ensino*. Pará de Minas: Virtual Books, 2015. p.121-135.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Bertrand Brasil, 1989.

CAMPOS, Vanessa Patrícia Monteiro. *Querer, poder e conseguir: o processo da socialização para o consumo: o caso Xuxa*. 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CEZÁRIO, Maria Maura. Efeitos da criatividade e da frequência de uso no discurso e na gramática. In: SOUZA, Edson Rosa de. (Org.). *Funcio-*

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**  
**XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

*nalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 19-32.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; SOUZA, Maria Medianeira de. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1998.

EGGINS, Suzanne. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. 2. ed. London: Continuum, 2004.

FERNANDES, José Nunes *et al.* Linguagem audiovisual, música e educação: análise comparativa da linguagem sonora dos programas infantis Ra-Tim-Bum e Xuxa no Mundo da Imaginação. In: *Anais do XIV Encontro Anual da ABEM*, Belo Horizonte, 2005, p. 1-8.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

\_\_\_\_\_; TICKS, Luciane; CABRAL, Sara Regina Scotta. Análise sistêmico-funcional para a leitura de textos: o caso da cerveja Devassa. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, vol. 12, n. 4, p. 883-909, 2012.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Fontes, 1991.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *An Introduction to Functional Grammar*. Hodder Education, 1994.

\_\_\_\_\_; HASAN, Ruqaya. *Language, Context, and Text*; Aspects of language in social-semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1989.

\_\_\_\_\_; MATTHIESSEN, Christian Matthias Ingemar Martin. *An Introduction to Functional Grammar*. Hodder Education, 2004.

\_\_\_\_\_; MATTHIESSEN, Christian Matthias Ingemar Martin. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. 4. ed. London: Routledge, 2014.

JESUS, Dánie Marcelo de; ZOLIN-VESZ, Fernando. A construção discursiva de Xuxa como promotora da inclusão social. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, vol. 13, n. 4, p. 1131-1143, 2013.

LATOURE, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: Edusc, 2012.

PEREIRA, Bruno Gomes. A rainha agora senta no chão: função identitária do sujeito Xuxa na construção interdiscursiva do livro “Fundação Xuxa Meneghel: 25 anos transformando histórias”. *Revista Querubim*. 2016 (no prelo).

\_\_\_\_\_. Gramática sistêmico-funcional como ferramenta teórico-metodológica em linguística aplicada: o caso Xuxa na Record em textos jornalísticos. *Revista Faculdade Santo Agostinho*, Teresina, v. 12, n. 5, art. 10, p.173-195, set./out. 2015a.

\_\_\_\_\_. Refletindo sobre a construção ideológica em letras de músicas infantis: uma análise da estética Xuxa Só Para Baixinhos. *Revista Philologus*, ano 21, n. 61, p. 1107-1117, 2015b.

\_\_\_\_\_. *Professores em formação inicial no gênero relatório de estágio supervisionado: um estudo em licenciaturas paraenses*. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Língua e Literatura). – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína.

\_\_\_\_\_. Representações do professor da educação básica em relatórios de estágio supervisionado em letras: um estudo de caso. *Revista Ribancreira*. Belém, vol. II, n. 1, p. 119-129, jan.-jun. 2014b.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie et al. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, ano I, n. I. 2009.

SILVA, Alexandra Cristina da. *O “X” da Questão: Tv Xuxa e o Desgaste dos Programas Infantis de Auditório*. 2007. 78f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

SILVA, Wagner Rodrigues. Considerações sobre o contexto de cultura na linguística sistêmico-funcional. *XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL)*, p. 1-13, 2014.

SILVA, Wagner Rodrigues; ESPÍNDOLA, Eline. Afinal, o que é gênero na linguística sistêmico-funcional? *Revista da Anpoll*, n. 34, p. 259-307, Florianópolis, jan./jun. 2013.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**  
**XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

SIMPSON, Amélia. *Xuxa: Megamarketing do sexo, da raça e da modernidade*. São Paulo: Sumaré, 1994.

SOUZA, Lusinete Vasconcelos de. Gêneros jornalísticos no letramento escolar inicial. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

TAVARES, Maria Alice. Gramática emergente e o recorte de uma construção gramatical. In: SOUZA, Edson Rosa de. (Org.). *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 33-52.

THOMPSON, Geoff. *Introducing Functional Grammar*. 3. ed. London: Routledge, 2014.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

ZOLIN-VESZ, Fernando. O discurso científico/colonialista norte-americano sobre Xuxa. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, vol. 13, n. 1, p. 245-257, 2013.